

ESTUDOS PRELIMINARES SOBRE OS PROCESSOS DE SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO - DESTAQUE PARA A ELISÃO NO PORTUGUÊS ARCAICO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida CANGEMI*

ABSTRACT: This study has as main aims the mapping and the analysis of external vocalic sandhi processes among Afonso's X, the Wise, Cantigas de Santa Maria - Galician Portuguese religious cantigas (13th century). The sandhi processes which happen through word junction constitute elision, diphthongization, crasis (MASSINI-CAGLIARI, 2005, for Archaic Portuguese). Through this work and from a non-explored corpus (especially as for linguistic themes - Snow, 1987, p. 478-480; Massini-Cagliari, 2005, p.24-26), it is intended to contribute to reaching a deeper knowledge of Portuguese prosody history in the period of its recognition as an "independent" language in relation to Latin. Therefore, the clarification of some characteristics from the linguistic past of Portuguese will be able to clarify facts from its present structure.

KEYWORDS: Sandhi Processes, Archaic Portuguese, Medieval Galician-Portuguese Cantigas, Cantigas de Santa Maria

1. Introdução

O objetivo principal deste trabalho é explorar as ocorrências dos processos de sândi vocálico externo retiradas de um *corpus* composto de sessenta *Cantigas de Santa Maria* (CSM) do Português Arcaico (PA) – para que posteriormente possamos efetuar um estudo comparativo entre esses processos no PA e no Português Brasileiro Atual (PB).

Massini-Cagliari e Cagliari (1998) refletem que a poesia metrificada é rica em material para o estudo do fenômeno de sândi, uma vez que os poetas achavam que precisavam fazer versos isossilábicos. Assim, à semelhança do metro, os fenômenos de sândi vocálico externo revelam a não ocorrência de pausa ou de cesura. Além disso, esse fenômeno mostra, claramente, se houve queda de vogal ou a ocorrência de uma ditongação. No Português Medieval, era costume assinalar os casos de sândi com elisões claramente marcadas (através da junção, na escrita, de mais de uma palavra e da queda de vogais).

Nos estudos desses fenômenos no *corpus* proposto, investigamos os contextos possíveis que acabaram gerando os casos de sândi, em especial, o processo de elisão. Massini-Cagliari e Cagliari (1998, p.94) observam que “alguns teóricos acham que todos os casos possíveis de sândi deveriam obrigar o poeta a formar um ditongo ou exigir a supressão de uma das vogais ou a crase de vogais iguais”; mostraremos, então, em quais contextos há estas ocorrências e se são somente essas soluções encontradas na juntura de palavras presentes no *corpus* proposto.

*Bacharel e Licenciada em Letras. Mestranda em Lingüística e Língua Portuguesa; UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus Araraquara.

2. Metodologia

Para a escansão dos versos e conseqüentemente o mapeamento dos processos intervocabulares, será utilizada uma metodologia que se baseia no mapeamento de todas as soluções para os encontros vocálicos em junctura de palavras, a partir da notação que receberam nos testemunhos manuscritos das *CSM*. A presente metodologia busca abstrair da escansão dos versos em sílabas *poéticas* os limites entre as sílabas *fonéticas*.

Essa metodologia foi inaugurada, no Brasil, por Massini-Cagliari (1995) e busca as características prosódicas de línguas mortas ou de períodos passados de línguas vivas através da estrutura métrico-poética da poesia. A escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas sobre a consideração de uma seqüência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes. Sendo assim, a escrita dos manuscritos medievais aqui considerados como fonte é particularmente reveladora do fenômeno da elisão, já que não costumavam ser grafadas as vogais apagadas no processo de elisão. Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento dos processos de sândi, está exemplificada em (1), em que aparecem as duas primeiras estrofes da *CSM* 29¹.

(1)

- | | | |
|-----|--|----------------------|
| 1. | Esta é como Santa Maria fez parecer nas pedras | |
| 2. | omagões a ssa semellança. | |
| 3. | <i>Nas mentes senpre tēer</i> | <i>A⁷</i> |
| 4. | <i>devemo-las sas feituras</i> | <i>B⁷</i> |
| 5. | da <i>Virgen, pois receber</i> | <i>A⁷</i> |
| 6. | <i>as foron as pedras duras.</i> | <i>B⁷</i> |
| 7. | Per quant' eu dizer oý | <i>c⁷</i> |
| 8. | a muitos que foron y, | <i>c⁷</i> |
| 9. | na santa Gessemani | <i>c⁷</i> |
| 10. | foron achadas figuras | <i>b⁷</i> |
| 11. | da Madre de Deus, assi | <i>c⁷</i> |
| 12. | que non foron de pinturas. | <i>b⁷</i> |
| 13. | Nas mentes sempre tēer... | |
| 14. | Nen ar entalladas non | <i>d⁷</i> |
| 15. | foron, se Deus me perdon, | <i>d⁷</i> |
| 16. | e <i>avia y fayçon</i> | <i>d⁷</i> |
| 17. | da Sennor das aposturas | <i>b⁷</i> |
| 18. | con sseu Fill', e per razon | <i>d⁷</i> |
| 19. | feitas ben per sas mesuras. | <i>b⁷</i> |
| 20. | Nas mentes sempre tēer | |

¹ As letras maiúsculas A e B representam o padrão de rima do refrão; já as minúsculas b, c, d, e, f representam o padrão rimático das estrofes. Ao final do verso, as letras são seguidas de um algarismo, que representa a quantidade de sílabas poéticas do verso. As sílabas em negrito correspondem ao processo de elisão da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra, já as sublinhadas correspondem à formação do hiato da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra.

Nesta cantiga, os versos contêm 7 sílabas poéticas. É possível estabelecer o caráter das elisões presente *da(s)* = de+a(s) (linhas 5, 11 e 17); *quant'eu* = quanto + eu (linha 7); *Fill'e* = Fillo + e (linha 18). Além disso, devem ser consideradas como hiatos as sequências E-A (linha 16); A-I (linha 16). Nota-se que nessa cantiga a solução de ditongação não foi encontrada, devido à marginalidade desse processo no contexto geral do *corpus*.

3. *Corpus: Cantigas de Santa Maria*

As *CSM* do Rei Afonso X de Castela, o Rei Sábio, são uma coleção de 420 cantares em louvor da Virgem Maria.

The Cantigas de Santa Maria is a collection of more than four hundred poems recouting miracles worked through the intercession of the Virgin Mary or songs of praise in her honor. The text of many is illuminated in full-page miniatures. The poems were written in the language of medieval Galicia and Portugal, the medium of expression preferred by the lyric poets of that day. (O'CALLAGHAN, 1998, p.1)

Em sua maioria, as *CSM* contêm notação musical e todas são compiladas em galego-português por Afonso X – o rei Sábio. Além da notação musical, as cantigas contêm, também, *iluminuras* - desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga. Tais cantigas foram mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela, Afonso X, e chegaram até nós através de quatro manuscritos antigos denominados códices².

Segundo Parkinson (1998, p.179) as *CSM* constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. É preciso salientar, ainda, que a maioria dos estudiosos das *CSM*, como Parkinson (1998), acreditam que nem todas elas são de autoria exclusiva do rei, pois o valor artístico muito desigual das cantigas aponta para uma multiplicidade de autores. Contudo, como reflete Parkinson (1998, p.183), não é impossível que Dom Afonso X tenha composto algumas delas, sendo ele próprio um poeta e estando “empenhadíssimo na estruturação e na composição da obra” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.61).

é de suponer que o rei tería acompañado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qué se ocupar). A lóxica indícamos, xa que logo, que non

² As *CSM* chegaram até os dias atuais por meio de quatro manuscritos antigos, conhecidos como códices: E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

Atualmente, dois desses códices são guardados na Biblioteca do Escorial (**E** e **T**), um na Biblioteca Nacional de Madrid (**To**) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (**F**).

podería o rei ter composto todas as 420 *Cantigas* e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas. (PARKINSON, 1998, p.183, grifo do autor).

Dessa forma, refletindo a posição de Parkinson (1998) referida acima, é possível considerar Afonso X como o grande compilador, organizador das cantigas, com algumas delas que foram compostas por ele e outras não. Assim pode-se pensar que, dada a sua grandiosidade, o projeto das *CSM* implica a intervenção de várias pessoas, tanto no aspecto criativo dos textos poéticos, quanto da própria confecção dos manuscritos complexos que os contém (PARKINSON, 1998, p. 186). Segundo Leão (2007, p.3) “D. Afonso, que é o principal trovador daquele scriptorium, ou, para usar uma terminologia medieval, é o mestre daquela corporação de poetas, planeja, escreve ele próprio, supervisiona e revê a obra que levará o seu nome”.

4. Sândi vocálico externo

O termo sândi, proveniente da antiga gramática sanscítica, designa as alterações mórficas e fonológicas causadas pelo contato entre formas da língua (TRASK, 2004, p.261). Essas alterações podem ocorrer tanto no interior do vocábulo, sendo assim interno, quanto na justaposição vocabular - final de uma palavra com o início de outra; neste caso, o processo é denominado, então, como externo.

Termo usado na SINTAXE e na MORFOLOGIA para indicar uma MODIFICACAO FONOLÓGICA de FORMAS GRAMATICAIIS que ficaram justapostas. O termo deriva de uma palavra do sânscrito que significa “junção”. As formas de sândi passaram por modificações específicas em circunstâncias específicas (isto é, várias regras de sândi foram aplicadas) [...]. Nas línguas em que as formas sândi são complexas, existe às vezes a distinção entre “sândi externa” (REGRAS de sândi que operam no limite da palavra) e “sândi interna” (regras que operam dentro das palavras). (CRYSTAL, 2000, p.196, grifo do autor)

Observa-se que na grafia das línguas modernas não há mais o registro desse fenômeno, ao contrário do que acontecia no período trovadoresco, com PA. Bechara (1964, p.435) observa que na leitura de versos poéticos ocorrem junções e pausas no ato de fala. Essa ocorrência pode acontecer dentro de um mesmo vocábulo ou pela junção de dois vocábulos: sândi vocálico externo.

Para Trask (2004, p. 260) o sândi é uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”, para Xavier e Mateus (1990, p. 327-28), é um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”.

A fim de observar e analisar esses processos, partimos da escansão e da contagem das sílabas poéticas dos versos para poder elucidar dúvidas acerca da consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única sílaba – tem-se o caso da elisão e da ditongação - ou em sílabas diferentes - constituindo assim um hiato. Nota-se que a escansão dos poemas em sílabas poéticas é também uma aliada no estudo da elisão, já que a não realização fonética da vogal não grafada pode ser confirmada a partir da contagem das sílabas poéticas do verso.

A elisão ocorre quando o *onset* da sílaba átona final da primeira palavra for preenchido, ou seja, em um encontro intervocabular a presença de duas vogais em sequência fica sob o domínio de uma mesma sílaba, ocorrendo então uma ressilabação.

Além do processo de elisão citado acima, encontramos ainda, na análise que desenvolvemos das primeiras sessenta cantigas do *corpus*, outro processo de juntura vocabular, porém ainda não nomeado pela literatura especializada e que se comporta semelhantemente a elisão, no entanto ocorre a supressão da segunda vogal da sequência, e não da primeira, como ocorre na elisão.

4.1. O processo de elisão no PB

Os processos de sândi vocálico externo no PB concernem duas ideias principais abordadas por Bisol (1992a). A primeira ideia define o sândi externo como um processo de ressilabação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado. A segunda ideia, consequência da primeira, quando essas duas palavras se encontram e a sequência VV se delinea a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte. Portanto, a estrutura básica para todos os processos de sândi vocálico é similar à do ditongo – duas vogais sob o domínio da mesma sílaba e seus fenômenos são governados pela ressilabação que ocorre automaticamente quando se encontram palavras que formam em suas fronteiras as sequências VV. As palavras são pronunciadas sem pausa, como parte de uma unidade prosódica maior.

Em português, os processos de elisão, ditongação e degeminação são frequentes quando duas palavras se combinam para constituir frases; a frase fonológica é o domínio preferencial para o processo de sândi. Para Bisol (1992b, p.23) esses processos são favorecidos por duas vogais em sequência e por ressilabação ficam sob o domínio da mesma sílaba. Bisol (1992b) observou que as vogais átonas são favoráveis à aplicação do processo de sândi.

Quando ocorre uma ressilabação os processos de sândi têm em comum, segundo Collischonn (2005, p. 128), o fato de ocorrerem entre dois núcleos silábicos que entraram em contato. No caso da elisão a autora reflete:

O português rejeita esta configuração e, em consequência, ocorre o desaparecimento de um deles, daquele que é prosodicamente mais fraco. Normalmente, este é o caso da primeira vogal, pois sendo átona final, é mais fraca do que a átona pretônica da palavra seguinte.

A elisão somente se aplica, no PB, na fronteira de uma palavra, mas não no interior desta – restrição de domínio. Além desse aspecto para a ocorrência da elisão no PB, podemos chamar atenção para a restrição: a elisão ocorre somente quando se tem uma vogal baixa a diante de outra vogal. As ocorrências acontecem em maior número diante de uma vogal posterior e em menor número diante de uma vogal frontal. A elisão tem como domínio maior o enunciado e como menor o vocábulo fonológico. Na elisão ocorre um apagamento de uma das vogais: “A vogal elidida é sempre átona e fica à esquerda” (BISOL, 1992a, p.96). Uma restrição à elisão é encontrada quando diz respeito ao seu encontro com um morfema (menor parte com significado). Quando este estiver sozinho ou em formas contraídas (de+a) é preservado.

No caso da degeminação (BISOL, 1992a, p. 96) o que ocorre não é o apagamento³ de uma das vogais como na elisão, mas sim, a fusão⁴ das duas. Vogais idênticas degeminam. A degeminação atua sobre uma sequência de vogais idênticas e como produto da fusão das vogais tem-se o desaparecimento de uma sílaba, quando se considera a relação entre a sílaba inicial e a não inicial, por um processo de ressilabificação. Há, portanto, uma simplificação (encurtamento) de duas sílabas que se convertem em uma só: “A degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes (restrição segmental) [...], desde que a segunda vogal não tenha acento primário (restrição rítmica)” (COLLINCHONN, 2005, p.127). Em linhas gerais, a degeminação compreende duas regras: ressilabificação e encurtamento. A primeira é consequência do Princípio do Contorno Obrigatório. A segunda é um processo de simplificação temporal, ou seja, dois tempos na linha prosódica são substituídos por um só, pois no português vogais longas inexistem.

A degeminação pode ocorrer em qualquer ponto de uma sentença: na combinação de dois vocábulos dentro de orações, entre orações ou sentenças. Segundo Nespor (1987, *apud* BISOL, 1992a, p.85), para a ocorrência da degeminação as duas sentenças devem ser pronunciadas pelo mesmo falante e devem ser dirigidas ao mesmo interlocutor – condições pragmáticas de estruturação do enunciado. Como condições fonológicas de reestruturação de enunciados o autor reflete que as duas sentenças devem ser relativamente curtas e não devem ter pausas entre elas.

A degeminação ainda acontece quando: ambas as vogais das palavras são acentuadas, se a vogal da segunda palavra leva acento, se ambas as vogais não levam acento ou se somente a vogal da primeira palavra for acentuada. Todavia há restrições rítmicas à ocorrência da degeminação. Bisol (1992a, p.87) observa que não há nenhum caso de degeminação quando a primeira vogal da segunda palavra porta o acento primário a não ser que este acento “venha a ser enfraquecido por razões prosódicas ou rítmicas” e quando há duração ou alongamento da vogal equivalendo à presença temporal de duas vogais.

Em suma, a elisão assim como a degeminação, no PB, para autora são “decorrentes de mecanismos relacionados à ressilabificação” (BISOL, 1992a, p.100) e têm consequências prosódicas. A elisão só se aplica em sílaba átona, já a degeminação faz restrição à segunda V acentuada. Assim, na degeminação a sílaba inteira muda de lugar, submetendo-se ao domínio do acento primário do segundo vocábulo.

5. O processo de elisão no PA

Foram mapeadas no âmbito das sessenta CSM todas as soluções para o encontro de vogais em juntura de palavras. Os resultados encontrados foram 4308 ocorrências de encontros vocálicos intervocabulares. Desses, 2073 (48,1%) são referentes aos

³ Quando há a combinação de qualquer timbre de vogais átonas que pertencem à mesma categoria na subjacência, seja [e, a], seja [i] e outras resulta a vogal de timbre mais forte. Esses casos são interpretados como apagamento da vogal mais fraca (BISOL, 1992a, p.88).

⁴ Quando a ressilabificação acontece, em se tratando de vogais de mesma categoria, as diferenças fonéticas provenientes das diferentes posições que ocupavam, na palavra, as sílabas em que estavam anexadas desaparecem. Perdido o limite entre as duas palavras, perdem-se as variantes “posicionalmente condicionadas” (BISOL, 1992a, p.88). A esses fatos, Bisol (1992a, p.88) permite a interpretação de um processo em que a fusão das vogais ocorre.

processos de elisão⁵, 1894 (44,0%) referentes ao processo de hiato⁶, 310 (7,2%) de encontros de ditongos decrescentes com vogal⁷, 5 (0,1%) de encontros de ditongos⁸ crescentes com vogal, 5 (0,1%) processos ainda não nomeados pela literatura especializada e 21 (0,5%) processos de ditongação⁹. Nota-se que há 179 casos a mais de elisão se comparado ao processo de hiato, o que corresponde a uma diferença de 4,1%.

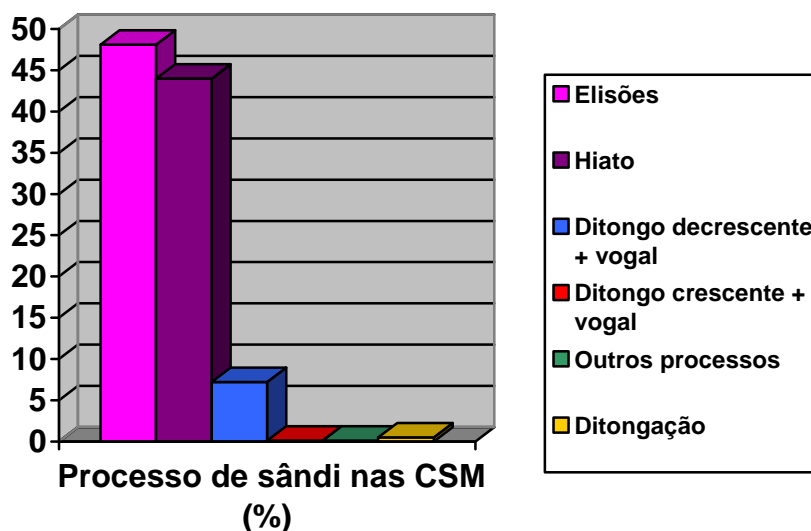


Gráfico 1 - Processos intervocábulares nas sessenta CSM

A tabela 1, mais adiante, trará as vogais envolvidas em nos processos de elisão e hiato mapeados no *corpus*. Com o auxílio dessa tabela, poderemos observar que enquanto quase todas as sequências vocálicas podem formar hiato, há restrições quanto à ocorrência dos demais processos de sândi. Para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal final da primeira palavra seja /a/, /e/ ou /o/.

⁵ Como foi visto, a elisão ocorre, no PB, quando a vogal átona final da primeira palavra é apagada, e uma nova sílaba é formada, a partir da junção do *onset* da sílaba átona final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra.

⁶ A ocorrência de hiato segue o caminho contrário à ocorrência de elisão, isto é, para que ocorra o hiato deve-se primeiramente ter o encontro da vogal final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra, sem que aquela – vogal final da primeira palavra - se apague.

⁷ São considerados ditongos decrescentes uma sequência CVV, em que a segunda V seja uma semivogal, i.e., um glide. Então, para a ocorrência de encontros de ditongos decrescentes com vogal ter-se-ia o seguinte contexto: a sílaba da primeira palavra seria CVV, sendo a segunda V um glide, e está entraria em contato com a V inicial da segunda palavra.

⁸ São considerados ditongos crescentes uma sequência CVV, em que a primeira V seja uma semivogal, i.e., um glide. Então, para a ocorrência de encontros de ditongos crescentes com vogal ter-se-ia o seguinte contexto: a sílaba da primeira palavra seria CVV, sendo a primeira V um glide, e está entraria em contato com a V inicial da segunda palavra. Ressalta-se que tanto o encontro de ditongos crescentes com vogal quanto ditongos decrescentes com vogal levam ao hiato.

⁹ Para ocorrência de ditongação como sândi vocálico externo há o seguinte contexto: a primeira palavra, CV encontra-se com o início da segunda palavra, portadora de uma V. A V da primeira palavra converte-se em glide quando entra em contrato com a V inicial da segunda palavra. Assim como a elisão, a ditongação é o resultado de um mecanismo de ressilabação.

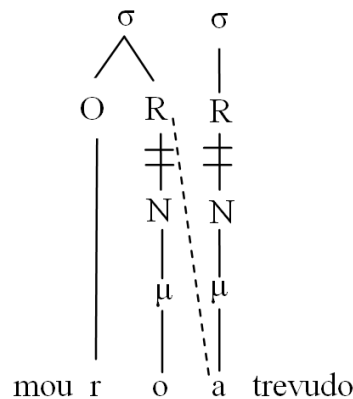
Os casos mais típicos de elisão ocorrem quando a vogal átona da primeira palavra é /e/ - 1346 casos (64,93%) – ou /o/ - 646 casos (31,16%). Exemplo em (2):

(2) E os judeus, que sempr' acostumad' an (CSM 27; verso 70)

sempr' acostumad' an = sempre + acostumado + an

A partir dos resultados quantitativos alcançados no mapeamento das sessenta primeiras CSM, constatou-se que há a supressão das vogais **a**, **e**¹⁰, e **o** átonos finais diante de vogal inicial de outra palavra; após esse movimento ocorre a ressilabificação do *onset* das sílabas em juntura vocabular. O *onset* da sílaba final da primeira palavra é ligado ao núcleo da primeira sílaba da palavra seguinte.

(3)¹¹



Portanto, pôde-se perceber através dos resultados obtidos que há uma diferença entre as ocorrências de elisão no corpus. Massini-Cagliari (2005) já observara esse tipo de comportamento em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 1999 e 2000), elaborados a partir de dados coletados nas cantigas de amigo do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* e a partir do corpus de cem cantigas de amigo e de amor (MASSINI-CAGLIARI, 2001), e diferenciou os processos de sândi vocálico externo que acontecem no PA de acordo com a qualidade da vogal átona da primeira palavra.

Dessa forma, a autora observou essa diferença - da queda da vogal átona quando esta é /a/ e quando não – e concluiu estar diante de dois processos diferentes de sândi vocálico externo: aqueles em que a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e os outros em que a vogal átona da palavra é /e/ e /o/.

No primeiro caso, cuja vogal /a/ átona final da primeira palavra é suprimida, nota-se que esta é mais suprimida quando a vogal inicial da segunda palavra também é /a/, não há nenhuma ocorrência de sua supressão diante de /ε/, /i/ e /u/ e poucas ocorrências envolvendo as vogais /o/ e /ɔ/, portanto ocorre uma supressão de vogais de mesma qualidade, denominada por Massini-Cagliari (2000 e 2001) como crase.

¹⁰ Assim como fez Massini-Cagliari (2005), de acordo com os estudos de Maia (1986, p.521) adotamos, durante a pesquisa, as abreviaturas “e+” como referência à grafia usual do fonema ausente /e/, embora não se possa especificar com certeza a sua realização fonética como [e] ou [i]. Da mesma forma, usamos a abreviatura “o+” referindo-se à grafia mais usual na época da vogal ausente, que no caso, refere-se ao fonema /o/, que possivelmente teria como realizações fonéticas [o] e [u].

¹¹ Exemplo retirado da CSM 28, verso 39.

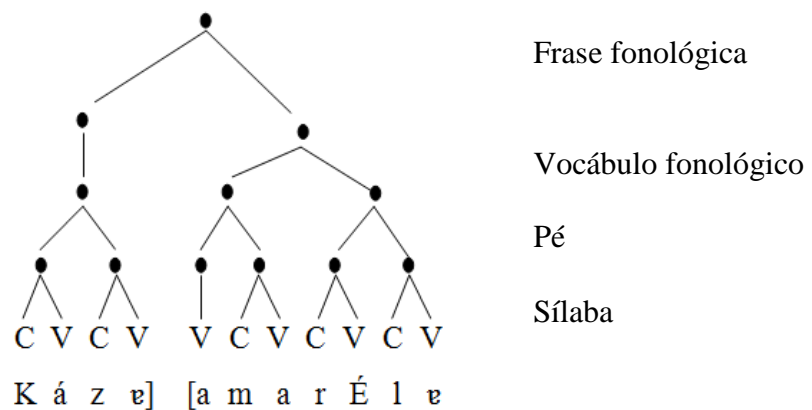
No segundo caso, cujas vogais átonas /e/ e /o/ se elidem diante de vogais de qualquer qualidade, tem-se a elisão.

De fato, a consideração de que ocorreria somente a crase (e não a elisão) quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ explicaria o fato de o hiato ser a solução preferida para encontros vocálicos formados pela vogal /a/ seguida de outras vogais. (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 81)

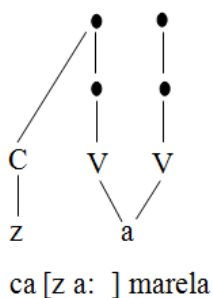
Observa-se que o processo de crase apresenta um contexto de aplicação diferenciado se comparado com o processo de elisão. Aquele é aplicado entre vogais, cujas qualidades vocálicas são a mesma: “entre palavras que não terminam e nem iniciam pela vogal **a** é impossível de efetuar a crase” (BIAGIONI, 2002, p.142). Bisol (1992b, 2002) também estabelece uma diferenciação entre as palavras terminadas em **a** átono final – degeminação – e, por outro, as palavras terminadas por outras vogais átonas em que, segundo a autora, ocorre elisão ou outro processos de sândi.

Bisol (1992b, p.91-2) reflete que exemplos como *casa amarela* → *casamarela* (4) e *casa albergue* → *casalbergue* têm, primeiramente, uma perda da fronteira silábica, para que posteriormente, haja uma fusão entre as vogais (5), seguida de uma ressilabificação (6) e da incorporação, isto é, uma reassociação do *onset* silábico (7). Dessa forma, esses processos formariam uma vogal geminada e posteriormente haveria a necessidade de uma degeminação (encurtamento) da vogal (8).

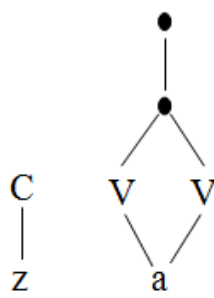
(4)



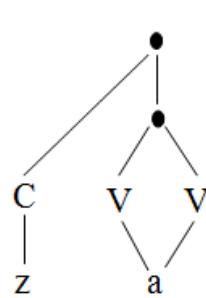
(5)



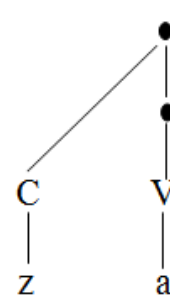
(6)



(7)



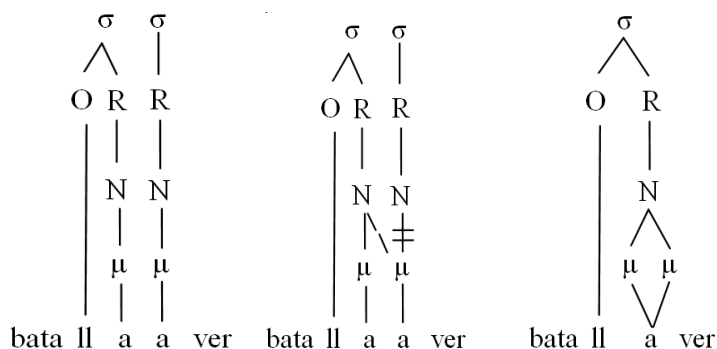
(8)



Todavia, pode-se notar que o processo de sândi ocorrente entre dois *as* intitulado por Massini-Cagliari (1999 e 2000) como *crase* é um pouco diverso do processo descrito por Bisol (1992b, p.91-92), uma vez que não pressupõe a simplificação da sílaba. Segundo Massini-Cagliari (2005), as duas moras, correspondentes a cada uma das vogais /a/ que se fundem, se mantêm. A autora considera que, diferentemente do que acontece com as palavras terminadas em /e/ e /o/ átonos finais, a vogal /a/ átona final não pode cair, pois do contrário, o processo de elisão poderia ser aplicado. Dessa forma, Massini-Cagliari (2005, p.232), conclui que há restrições quanto à redução dessa vogal, com consequências para os processos de sândi. Esse fato faz do processo de crase do PA diferente do processo de degeminação considerado por Bisol (1992b, 2002) para o PB.

Portanto, Massini-Cagliari (1999 e 2000) descreve o processo de crase no PA como o desligamento do núcleo da sílaba inicial da segunda palavra, seguido da sua reassociação ao núcleo sílaba precedente, representando uma ressilabificação da estrutura inicial. Por restrições impostas pelo Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), as duas vogais acabam se fundindo, embora as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantenham (cf. Massini-Cagliari, 2005, p.233). Podemos ver a ocorrência desse processo no verso 18 abaixo, retirado da CSM 38.

(9)¹²



Assim, Massini-Cagliari (2005, p.233) diz que, em uma perspectiva derivacional não linear, a diferenciação do processo de elisão com relação à crase,

está nos níveis de desassociação da primeira vogal e de associação da vogal inicial da palavra seguinte, que ocorrem logo abaixo da rima, para que a mora correspondente à vogal final da primeira palavra seja eliminada (na crase, esta mora se mantinha) e apenas a mora da vogal inicial da segunda palavra se mantenha.

¹² Massini-Cagliari (2005) e Somenzari (2006) levantam evidências a favor da consideração das consoantes /ɲ/ e /ʎ/ sendo complexas.

Tabela 1 - Processos de elisão e hiato: quantidade/porcentagem.

Vogal final da primeira palavra	Vogal inicial da segunda palavra	Elisão	
a +	a (a, ã/an)	47	2,27%
	e (e, ê / en)	28	1,35%
	é (/ε/)	3	0,14%
	i	1	0,05%
	o		
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)	2	0,10%
Subtotal:	a + V	81 (3,91%)	
e +	a (a, ã/an)	526	25,37%
	e (e, ê / en)	301	14,52%
	é (/ε/)	44	2,12%
	i	41	1,98%
	o	363	17,51%
	ó (/ɔ/)	6	0,29%
	u (ũ / un)	65	3,14%
Subtotal:	e + V	1346 (64,93%)	
é (/ε/) +	a (a, ã/an)		
	e (e, ê / en)		
	é (/ε/)		
	i		
	o		
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)		
Subtotal:	é (/ε/) + V		
i +	a (a, ã/an)		
	e (e, ê / en)		
	é (/ε/)		
	i		
	o		
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)		
Subtotal:	i + V		
o +	a (a, ã / an)	228	11,0%
	e (e, ê / en)	254	12,25%
	é (/ε/)	43	2,07%
	i	19	0,92%
	o	85	4,10%
	ó (/ɔ/)	3	0,14%
	u (ũ / un)	14	0,68%
Subtotal:	o + V	646 (31,16%)	
u +	a (a, ã / an)		
	e (e, ê / en)		
	é (/ε/)		
	i		
	o		
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)		
Subtotal:	u + V		
TOTAL		2073 (100%)	

Vogal final da primeira palavra	Vogal inicial da segunda palavra	Hiato	
a +	a (a, ã/an)	152	8,03%
	e (e, ê / en)	214	11,30%
	é (/ε/)	30	1,58%
	i	22	1,16%
	o	115	6,07%
	ó (/ɔ/)	8	0,42%
	u (ũ / un)	57	3,01%
Subtotal:	a + V	598 (31,57%)	
e +	a (a, ã/an)	297	15,68%
	e (e, ê / en)	141	7,44%
	é (/ε/)	67	3,54%
	i	19	1,0%
	o	203	10,72%
	ó (/ɔ/)	11	0,58%
	u (ũ / un)	33	1,74%
Subtotal:	e + V	771 (40,71%)	
é (/ε/) +	a (a, ã/an)	6	0,32%
	e (e, ê / en)	3	0,16%
	é (/ε/)		
	i	1	0,05%
	o	3	0,16%
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)		
Subtotal:	é (/ε/) + V	13 (0,69%)	
i +	a (a, ã/an)	31	1,64%
	e (e, ê / en)	16	0,84%
	é (/ε/)	1	0,05%
	i	2	0,11%
	o	13	0,69%
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)	11	0,58%
Subtotal:	i + V	74 (3,91%)	
o +	a (a, ã / an)	148	7,81%
	e (e, ê / en)	131	6,92%
	é (/ε/)	6	0,32%
	i	17	0,90%
	o	70	3,70%
	ó (/ɔ/)	3	0,16%
	u (ũ / un)	18	0,95%
Subtotal:	o + V	393 (20,75%)	
u +	a (a, ã / an)	18	0,95%
	e (e, ê / en)	7	0,37%
	é (/ε/)	6	0,32%
	i	4	0,21%
	o	10	0,53%
	ó (/ɔ/)		
	u (ũ / un)		
Subtotal:	u + V	45 (2,38%)	
TOTAL		1894 (100%)	

Visualizando a tabela 1, que traz a quantificação dos processos de elisão presentes nas CSM, podemos comprovar que há uma diferença quantitativa de comportamento se compararmos os casos de elisão quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e quando a vogal elidida é /e/ ou /o/. Percentualmente tem-se 3,91% (81 dos 2073 casos) para o apagamento da vogal /a/, enquanto os de /e/ equivalem a 64,93% (1346 dos 2073 casos) e os de /o/ 31,16% (646 dos 2073 casos). Portanto, a ocorrência de elisão com palavras cuja vogal átona é /a/ é mais restrita do que com /e/ ou /o/. Ainda a respeito da elisão de /a/, é possível notar que enquanto o processo de elisão de /e/ ou /o/ pode acontecer diante de todas as vogais, a elisão /a/ acontece mais diante de /a/ mesmo.

Há também no *corpus*, como dissemos, um processo que difere do processo de elisão e que ainda não é nomeado pela literatura especializada. Nesse processo ocorre o apagamento da vogal inicial da segunda palavra:

- (10) aos tres Reis en Ultramar / ouv' **a**strela mostrada, (CSM1-38,39)
- (11) que a terra toda **'s**clareceu, (CSM 15-91)
- (12) do demo, **que**sterreces. (CSM 20-39)
- (13) nen d' aguillon **a**'scodudas. (CSM 31-68)
- (14) del, a Reynna nob**re**spirital. (CSM 58-53)

Esse processo ocorre em 5 (0,1%) dos casos de sândi. Portanto, é um processo marginal na lírica trovadoresca. No entanto, deve-se observar o contexto em que esse processo ocorre, ou seja, a vogal apagada é /e/ seguida fricativa alveolar surda - /s/. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.235) a vogal apagada /e/ é “a vogal epentética por natureza do PA” e esta vogal encontra-se, como dito acima, no contexto inicial da segunda palavra. Massini-Cagliari (2005, p.235) reflete que

é justamente este um dos contextos em que, necessariamente, há epêntese de uma vogal para “corrigir” a estrutura silábica, em nível lexical. [...] há a possibilidade de a vogal da palavra anterior preencher o núcleo dessa sílaba irregular, se não houver a epêntese.

De acordo com essa afirmação, estamos, portanto, diante de um processo diferente da elisão, porém ainda não nomeado pela literatura especializada.

6. Conclusão

Por meio do estudo realizado foi possível dar, com relação aos elementos de sândi no corpus investigado, uma contribuição inicial ao estudo dos aspectos segmentais e suprasegmentais do PA, através da observação da notação escrita dos trovadores de setecentos anos atrás. Foi possível, também, mostrar que as CSM, como já afirmara Massini-Cagliari (2005, p. 320), servem como “fonte primária do galego-português, para o estudo do passado da nossa língua”.

Foi possível chegar, também, à conclusão de que o processo de elisão – 1726 casos (47,9%) - no PA constituía o mais recorrente processo de sândi na língua da época, registrada no uso que tinha no discurso poético. No entanto, a diferença de recorrência desse processo se comparado ao processo de hiato - 1579 casos (43,8%) - (ou seja, à contraparte do processo da

elisão, sua não realização) não é muita – 147 casos (4,1%), uma vez que, como vimos, quase todas as sequências vocálicas podem formar hiato.

A respeito do processo de ditongação - 17 casos (0,5%) - como resultado de sândi externo, pôde-se perceber a sua pouca frequência no PA. Outro processo que, assim como a ditongação, tem frequência minoritária - e que, talvez por isso, nem chegou a ser mencionado e/ou nomeado na literatura especializada -, é o processo em que a vogal inicial da segunda palavra é apagada- 4 casos (0,1%).

Tem-se também de ressaltar o comportamento dos casos de elisão quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e quando a vogal elidida é /e/ ou /o/. Através das análises feitas, mostramos que a ocorrência de elisão com palavras cuja vogal átona é /a/ é mais restrita do que com /e/ ou /o/ e que enquanto o processo de elisão de /e/ ou /o/ pode acontecer diante de todas as vogais, a elisão /a/ acontece mais diante de /a/ mesmo. Dessa forma, o processo de crase do PA descrito acima (crase) difere do processo de degeminação considerado por Bisol (1992b, 2002) para o PB.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 434 – 458.
- BIAGIONI, A. *A sílaba em português arcaico*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2002.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.19-35.
- _____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Caderno de estudos lingüísticos*. Campinas, v. 23, 1992a, p. 83-101.
- _____. Sândi vocálico externo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: v.II – Níveis da análise lingüística*. Campinas: Unicamp. 1992b. p.21-38.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- LEÃO, Â. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. *Revista da ANPOLL*, 5, p.77-105, jul./dez., 1998.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*. Araraquara: GEL, 2006. p.76-94.
- _____. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre docência em Lingüística). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara, 2005.
- _____. *Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?* Comunicação apresentada no IV EIEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001
- _____. *O sândi vocálico externo no português arcaico visto pela teoria da otimidade*. In: CASTRO, R.; BARBOSA, P. (Orgs). ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA Braga: APL, 2000. v. II: p. 59-75
- _____. *Sândi Vocálico Externo nas Cantigas Medievais Portuguesas*. Trabalho Inédito – Araraquara: FCL – UNESP, 1999.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico*. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)- IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

O'CALLAGHAN, J. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography*. Boston: Brill, 1998.

PARKINSON, S. *As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais*. Anuario de estudios literarios galegos, Vigo, p. 179-205, 1998.

SOMENZARI, T. Status fonológico dos casos de sândi de vogais idênticas. In:____. *Estudo da Possibilidade de Geminação em Português Arcaico*. Araraquara, 2006. Tese de dissertação.

TRASK, R. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.